

Villas & Golfe®

Europe Edition



Edição dedicada

NINI ANDRADE SILVA
ILHA DA MADEIRA



GRANDE ENTREVISTA \ \ MAJOR INTERVIEW

NINI ANDRADE SILVA

«Já não preciso de muitas coisas para ser feliz» \ \ «I no longer need much to be happy»

Uma história que dava um livro, um livro que até já teria nome: «Ela». E ela é aquela que muitos conhecem como a «Garota do Calhau», aquela menina madeirense que se transformou numa das divas da Arquitetura e Design de Interiores de Portugal. E é Portugal, e a paixão pela Madeira, o arquipélago que a viu nascer, que Nini Andrade Silva leva para os quatro cantos do mundo. A ilha a que chama casa foi onde tudo começou. Onde a criatividade ganhou vida, vezes sem conta, através do design, dos projetos, da pintura, das peças, da arte. «Ela» deu sentido às palavras e ideias soltas, que lhe surgiam durante a noite, e criou projetos únicos e surpreendentes, que a levaram à conquista de dezenas de prémios nacionais e internacionais. Tornouse Cônsul Honorária da Colômbia, país onde tem dado cartas. Nini, «Ela», a «Garota do Calhau», é uma mulher de causas, e o largo sorriso é o que nos marca a memória. E, às gargalhadas, ninguém fica indiferente. Quase três horas depois, haveria muito mais para perguntar e para contar. Mas, aqui, nesta entrevista à **Villas&Golfe**, ficam apenas alguns dos preciosos momentos.

A story that you could write a book. A book that have a name already: «Ela» (*She*). And she is the one that many people know as the «Garota do Calhau» («pebble girl»), that girl from Madeira who became one of the divas of interior design in Portugal. And it is Portugal, and her passion for Madeira, the archipelago where she was born, that Nini Andrade Silva takes to the four corners of the world. The island she calls home was where it all began. Where creativity came to life, over and over again, through design, projects, painting, pieces, art. «Ela» gave meaning to disparate words and ideas that came to her at night and created unique and surprising projects, which led to her winning dozens of national and international awards. She became the Madeiran Honorary consul of Colombia, a country where she has had huge success. Nini, «Ela», the «Garota do Calhau», is a woman of causes, and her broad smile is what sticks in our memory. And nobody is immune to her fits of laughter. Almost three hours later, there would be so much more to ask, to tell. But here, in this **Villas&Golfe** interview, there's room for just a few of the precious moments.

TEXTO TEXT MARIA CRUZ \ \ FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY NICK BAYNTUN

O que é ser diferente para a Nini?

É ser igual a si mesmo. É a única maneira de se ser diferente.

Conta já com longos anos de trabalho, aprendizagens, conhecimento. Já parou para refletir nisso?

A vida é como uma festa. Há os que chegaram mais cedo e não estão cansados, e há os que acabaram de chegar e já desejam ir para casa. Eu ainda não desejo ir para casa. Na festa da vida, fico até ao fim. Porque gosto de trabalhar, gosto de fazer coisas e gosto muito do dia.

Preto e branco são as suas cores mas, na verdade, já preencheu páginas da sua vida com muita cor, como, por exemplo, através da pintura.

É engraçado, quando comecei a pintar, pintava com muita cor, fazia flores. Tenho um quadro, no museu do João Carlos Abreu, cheio de flores, que ninguém acredita ser meu, a não ser quando olham para a assinatura. E depois, quando comecei a viajar muito, queria levar malas de mão pequenas. Um dia achei que era muito difícil levar uma mala com tanta mistura de cores. É aí que surge a ideia de passar a levar roupa preta ou branca – combinaria com tudo. Tornou-se mais fácil.

E, na indumentária, não pode faltar o chapéu...

Sempre usei muito chapéus. Mas quando comecei a trabalhar na Colômbia – eles têm lá um chapéu que se chama «panamá» –, passei a usar ainda mais. Agora, passou a ser uma imagem de marca.

Por falar na Colômbia, quando se aventurou por essas terras?

A Colômbia é um país encantador. Aliás, quando me convidaram para ir à Colômbia, há 12 anos, nesse ano, tinha ganhado vários prémios, e havia cartazes nas feiras de turismo a dizer «diva do design Nini Andrade Silva». Quando se pesquisava «design Europa» o meu nome também aparecia. E os clientes que me convidaram a visitar a Colômbia queriam uma designer europeia. Telefonaram-me. Quando me disseram que eles queriam que eu fosse à Colômbia, eu disse logo: «Não vou à Colômbia, os senhores se quiserem que venham cá». E nessa semana apareceram no *atelier*, em Lisboa. Até me senti envergonhada. Vieram conhecer-me e depois lá fui eu até à Colômbia.

Agradece à vida o facto de lhe ter proporcionado estar com determinadas pessoas e de ter conhecido determinados mundos?

Agradeço todos os dias. Agradeço estar aqui em frente

What is being different, for you?

It's to be the same as yourself. This is the only way to be different.

You can already look back on many years of working, learning and knowledge. Have you stopped to reflect on it?

Life is like a party. There are those who arrived early and are not tired, and there are others who have just arrived and already want to go home. I still don't want to go home. At the party of life, I will stay until the end. Because I like to work, I like to do things and I really enjoy the day.

Black and white are your colours, but you've actually filled pages of your life with a lot of colour, such as, for example, through painting.

It's funny, when I started painting, I painted with a lot of colour, I did flowers [I have a painting of mine, in João Carlos Abreu's museum, full of flowers, which nobody believes, except when they look at the signature]. And then, when I started travelling a lot, I wanted to take a small case. And one day I thought it was very difficult to take a suitcase with such a mixture of colours, that's when I came up with the idea of taking black or white clothes – they would go with everything. It became easier.

«Os meus pais ensinaram-nos a ser corretos, e isso é uma das coisas mais importantes» \\ «My parents taught us to be fair and that's one of the most important things»

more. Now it's become a trade mark.

Speaking of Colombia, when did you first venture to this land?

Colombia is a charming country. In fact, when I was invited to go to Colombia, 12 years ago, I'd won several awards, and there were posters at tourism fairs saying «diva of design Nini Andrade Silva». When you searched «design Europe» my name also came up. And the clients who invited me to Colombia wanted a European designer. They called me on the phone. When they told me they wanted me to go to Colombia, I immediately said: «I'm not going to Colombia», if they want to, they can come here. And that week they showed up at the studio in Lisbon. I felt embarrassed. They came to meet me and then I went to Colombia.

Do you thank life for allowing you to be with certain people and to get to know certain worlds?

I give thanks every day. I'm grateful for being here in front of the sea, I wake up and see the sea; I'm grateful for having been born in Madeira, an island where everyone is like a family.

And, to complete the outfit, you go with a hat...

I've always worn hats a lot. But when I started working in Colombia, they have a hat there called the «panamá», I started wearing them even

ao mar, acordar e ver o mar; agradeço ter nascido na Madeira, uma ilha que é como se todos fossem uma família.

A Nini gosta muito de trabalhar, mas acha que se vai cansar um dia?

Eu só me canso quando estou a explicar uma coisa, que tenho a certeza de que vai dar certo mas, como as pessoas nunca viram, não conseguem acreditar. Os clientes que acreditam em mim são os clientes que ganham os prémios. Eu estou destinada a imaginar. É muito difícil explicar a uma pessoa uma coisa nova, que a pessoa nunca viu. É o mesmo que acontece quando se lê um livro e depois se vai ver o filme, é totalmente diferente, porque cada um lê o livro à sua maneira. No princípio, não foi fácil. Talvez por eu ser teimosa, consegui. Vou sempre até ao fim, nem que explique 50 mil vezes, explico até as pessoas acreditarem e, quando vejo que não vou conseguir, aceito que não consegui (*risos*).

E o que é que a faz feliz?

Tantas coisas me fazem feliz. Por exemplo, a felicidade de outra pessoa faz-me muito feliz. No outro dia, fui a uma loja e comprei umas coisas, e a senhora que me atendeu disse: «Tem direito a este saco». Mas ele não tinha nada que ver comigo. Atrás de mim estava outra cliente que comentou: «Eu gostava tanto de ter aquele saco». Mas o que ela tinha comprado não era suficiente para o ganhar. Então, virei-me para trás e disse-lhe: «Olhe, não me leve a mal, mas se quiser o meu, como eu só uso branco e preto, posso oferecer-lho». A alegria dela foi tanta que eu saí da loja feliz. Já não preciso de muita coisa para ser feliz.

Sente-se realizada com o seu percurso?

Sim, sinto-me. Às vezes, a minha irmã diz-me: «Nini, tu és muito convencida», e eu respondo: «Não sou convencida, eu trabalho para isso». Da mesma maneira que não fico ofendida com alguém que me diga «Nini, não gosto disto no projeto». Eu consigo compreender e aceito. Não gosto que uma pessoa me diga que gosta só para me agradar. Prefiro que digam «Nini, desta vez, não gostei». Pois, assim, vou pensar «Será que a pessoa tem razão?»; «E se eu tivesse feito de outra maneira?». Um dia, uma jovem foi ao meu *atelier*, tinha umas pedras pintadas às cores, e eu olhei para aquilo e disse: «Não gosto nada disto», mas pensei: «Nini, calma, porque estás tu a fazer o que as pessoas fazem contigo?» e disse-lhe: «Deixa as pedras aí e volta cá amanhã». À medida que ia passando para dentro e para fora, quanto mais olhava para as pedras, mais gostava delas. E, no dia seguinte, já as adorava. Quando a jovem voltou, disse-lhe: «Gosto tanto, que até gostava de ter duas no Design Centre». Isto para dizer que a minha primeira reação foi dizer-lhe «não».

You very much like to work. Do you think you will get tired one day?

I only get tired when I'm explaining something that I'm sure will work, but as people have never seen it, are unable to believe in it. The clients who believe in me are the clients who win the awards. I am meant to imagine. It is very difficult to explain to a person something new, that the person has never seen. It is the same as when you read a book, and then go to see the film, it is totally different because everyone reads the book in their own way. At the beginning it wasn't easy, possibly because I'm stubborn, I succeeded. I always go all the way, even if I explain it 50 thousand times, I explain it until the people believe me and when I see that I won't succeed, I accept that I didn't succeed (*she laughs*).

And what makes you happy?

So many things make me happy. For example, someone else's happiness makes me very happy. The other day, I went to a shop and bought some things and the lady who served me said: «you are entitled to this bag». But the bag had nothing to do with me. And there was, behind me, another customer who said: «I would so like to have that bag». But what she bought wasn't enough for her to get it. So I turned around and said to her, «look, don't get me wrong, but if you want mine, as I only wear black and white, I can offer you mine». The look on her face and her joy were so great that I left the shop happy. I no longer need much to be happy.

Do you feel fulfilled with your journey?

Yes, I do. Sometimes my sister says to me: «Nini, you're so cocky», and I reply: «I am not cocky, I work for it». In the same way I am not offended by someone who says to me «Nini, I don't like this in the project». I am able to understand and accept it. I don't like a person telling me they like it just to please me. I prefer them to say: «Nini, this time I didn't like it». Because, that way, I will think «maybe the person is right» and what if I had done it differently? One day, a young woman came to my studio, she had some stones painted in colours, and I looked at that and said: «I don't like this at all», but I thought «Nini, calm down, why are you doing what people do to you?» and I told her: «leave the stones there and come back tomorrow». As I went in and out, the more I passed the stones, the more I liked the stones. And the next day, I loved them. When the young lady came back I told her: «I like it so much, I'd like to have two of them in the Design Centre». This is to say that my first reaction was to tell her «no».

And what about the atelier, how do you manage such a big team?

There are 55 of us. But then I have more than 1000 people

E o atelier, como se gere uma equipa tão grande?

Somos 55. Mas depois tenho mais de mil pessoas que trabalham comigo, desde carpinteiros, pintores, etc., são os meus fornecedores. Em Portugal, talvez sejamos o maior atelier de Arquitetura e Design de Interiores. Posso dizer-lhe que tenho pessoas muito boas comigo. Tornou-se um negócio familiar.

E como foi o início da sua carreira?

Quando estava na universidade, pintava *t-shirts*, ténis, bolsas e quadros e depois vendia. Sempre fiz muitas coisas. Havia uma loja, aqui na Madeira, que se chamava «Ateia», e eu fazia muitas coisas para essa loja. Depois, quando acabei o curso, trabalhei durante muito tempo para as festas da Madeira, fazia coisas para o Governo Regional, para a Secretaria do Turismo. Mais tarde, dei três meses de aulas. Entretanto, deixei de lecionar e foi quando fui para os Estados Unidos. Quando regresssei à Madeira, fui para a Dinamarca, voltei e fui para a África do Sul... Andei por muito lado.

who work with me, from carpenters to painters etc., they are my suppliers. In Portugal, we are perhaps the biggest Architecture and Interior Design studio. I can tell you that I have very good people with me. It's become a family business.w

How was the beginning of your career?

When I was at university I painting t-shirts, trainers, bags and pictures and then sell them. I always did a lot of things. There was a shop here in Madeira called «Ateia» and I made a lot of things for that shop. Then, when I finished the course, I worked for the Madeira festivals for a long time, I made things for the regional government, for the Secretary of Tourism. Later, I taught for three months, then I stopped teaching and that's when I went to the United States. When I returned to Madeira, I went to Denmark, came back and went to South Africa, I travelled a lot.

And how did you get to Asia?

I arrived on my own. I went to the United States, I lived with the Kiekeben family. Mr Kiekeben, who was the person who had rug shops in Madeira, also had shops in the

Como chegou à Ásia?

Cheguei sozinha. Fui para os Estados Unidos com a família Kiekeben. O Sr. Kiekeben, que era a pessoa que tinha as tapeçarias na Madeira, tinha também lojas nos Estados Unidos. E ele dizia-me sempre: «Nini, muito do nosso futuro passa pela Ásia». O Sr. Kiekeben morreu muito novo, e eu fiquei sempre com aquilo na cabeça. E, como fazia as feiras de Paris, ia notando que havia muitas coisas que eram parecidas e comecei a questionar: «Isto vem de onde?». Na altura, falei com um amigo meu, e ele disse-me: «Nini, acho que devias passar pela Ásia e perceber o que acontece lá». Um dia, resolvi ir. Foi nessa altura que eu fiz o Aquapura, no Douro, (até saiu na **Villas&Golfe**), já lá vão quase 20 anos. A partir daí, comecei a fazer compras na China, Japão, Filipinas, Tailândia, Índia.

Como são os seus dias de trabalho?

Normalmente, chego ao atelier e digo: «Temos um projeto novo». Eles ficam tão entusiasmados. Por exemplo, estamos agora a fazer um museu, o Convento do Lorvão, que fica perto de Coimbra. É espetacular, um monumento lindo! Neste caso, a Inês, que está no atelier em Lisboa, e é formada em gestão cultural, fez a primeira leitura sobre o sítio, estuda a história; depois disso, passa-nos os *deadlines* e cada um começa no seu canto a imaginar coisas. Por último, vêm-me mostrar.

É importante salientar que a Nini não é apenas decoradora...

Pois não. As pessoas não sabem isso. Nós fazemos arquitetura de interiores, depende do cliente se quer ou não o projeto. É que tudo o que 'cai' é decoração, tudo o que vemos e 'não cai' é arquitetura de interiores. E nós fazemos isso também.

Os projetos tiram-lhe o sono?

Deixam-me dormir perfeitamente. Não vou para a cama sem uma agenda e uma caneta. Vou em paz e, se me lembrar de alguma coisa, escrevo logo, para não me esquecer. A meio da noite, tenho muitas ideias boas. Às vezes, quando chego ao atelier e digo: «Esta noite...», eles dizem logo: «Oh não», porque é sinal que vou mudar tudo o que já estava feito. Gosto de sentir o wow, por isso mudo. Há tempos, pensei numa coisa, fui à internet ver se já existia. Uma marca internacional tinha feito algo muito parecido, então anulei logo essa ideia e começámos de novo. Eu podia perfeitamente fazer igual, ou muito parecido, que uma pessoa nunca iria estar associada à outra, mas não faz sentido. Eu gosto de criar.

Já chegou a fazer palestras em robe. Gosta de sentir-se diferente?

Não se deve fazer só o que se acha bonito. Às vezes, faço

United States. And he always told me: «Nini, much of our future will involve Asia». Mr Kiekeben died very young and I that always stuck in my mind. And as I was doing the fairs in Paris, I noticed that there were many things that were similar, and I started thinking «where does this come from». At the time, I spoke to a friend of mine and he told me: «Nini, I think you should go to Asia and see what happens there». One day I decided to go. It was then that I did the Aquapura in Dpuro [it even featured in **Villas&Golfe**], almost 20 years ago. From then on, I started shopping in China, Japan, the Philippines, Thailand, India.

How are your working days?

Usually, I arrive at the studio and say: «we have a new project». They get so excited. For example, we're doing a museum now, the Lorvão Convent, it's near Coimbra. It is a spectacular, and it's a beautiful monument! In this case, Inês, who is in the studio in Lisbon, and has a degree in cultural management, did the first read up about the place, studied the history, then she gives us the deadlines and each one starts in their own corner envisioning things. Finally, they come to show me.

It is important to point out that you are not just about decorator...

No, I'm not. People don't know that. We do interior architecture; it depends on the client if they want the architectural project or not. Everything that can be taken down is decoration, everything we see that cannot be taken down is interior architecture. And we do that too.

The projects take your sleep?

They let me sleep perfectly. I don't go to bed without an agenda and a pen. I go peacefully and if I remember something, I write it down right away, so I don't even have time to forget. I have a lot of good ideas in the middle of the night. Sometimes when I arrive at the studio and say: «last night», they already say: «oh no», because it's a sign that I'm going to change everything that has already been done. I like to feel the 'wow' so I change. A while ago I thought of something, I went on the Internet to see if it already existed. An international brand had done something very similar, because this happens, so I cancel that idea and start over. I could easily do the same, or very similar, and that person would never be associated with the other, but it doesn't make sense. I like to create.

You have given lectures in a dressing gown. Do you like to feel different?

One should not only do what is thought of as beautiful. Sometimes I give talks dressed in a dressing gown, it's for people to understand that the ridiculous has a place, and that it's not ridiculous. And there are places for everything.



palestras vestida de robe para as pessoas perceberem que o ridículo tem lugar e que não é ridículo. Há lugares para tudo. É preciso saber quem vai ser o consumidor final das obras que realizamos. Normalmente, as pessoas vão à procura de um ideal, vão aos hotéis à procura desse ideal, mas a verdade é que algo que até pode ficar bem aqui, num outro lugar pode ficar mal.

Fala muito com os seus botões?

Falo, falo... (*risos*) e rezo. Tenho sempre alguém que me acompanha, a minha mãe, a minha Nossa Senhora de Fátima, a minha madrinha de batismo. Sinto-me protegida. Tenho uma estrelinha (sorri). Nunca me sinto só. A minha mãe morreu muito nova, acho que ela está sempre comigo, tenho a certeza de que está lá em cima... Ela, o meu pai...

Os dois eram muito especiais para si. Algum ensinamento mais marcante que ficou para vida?

Sim. Nós somos três irmãos. Os nossos pais sempre nos disseram que devíamos pensar bem antes de agir. Pensar se estamos certos, se estamos a ser corretos com as pessoas. Sempre foi uma coisa muito importante na nossa casa. Fizésemos o que fizésemos, tínhamos de ser corretos com quem estava ao nosso lado. Por isso, procuro ser o mais correta possível. Já tive pessoas que trabalharam comigo e saíram para ir trabalhar noutros *ateliers* e, se vejo um trabalho deles bem feito, telefono e digo: «Passei lá, gostei muito do trabalho». Desejo a maior sorte às pessoas que trabalharam comigo. Os meus pais ensinaram-nos a ser corretos, e isso é uma das coisas mais importantes. As pessoas deviam ser corretas com a vida, e com os outros.

Como recorda a infância?

Os meus pais eram professores e nós vivíamos numa 'casa de escola', no Funchal. A casa era grande, era diferente, tinha jardins grandes e tínhamos uma sala com 40 crianças de manhã e 40 à tarde. Eu andei num colégio, não andei nesta escola; os meus irmãos andaram, mas eu era muito maluca (*risos*).

Era a mais 'traquina' em pequena?

Era. O meu irmão foi muito bom aluno, a minha irmã foi muito boa aluna, e eu tinha notas para passar.

Porque se portava mal, queria ser diferente?

Porque eu queria criar, estava sempre distraída. Andava no meu mundo. Na escola somos 'obrigados' a apreender as coisas que já aconteceram, e queria fazer coisas que ainda não tinham acontecido.

You have to know who is going to be the final consumer of the works we produce. Normally, people go looking for an ideal, and they go to hotels looking for that ideal, but the truth is that something that might look good here, might look bad somewhere else.

Do you mumble to yourself a lot?

I do, I do... (*she laughs*), and I pray. I always have someone keeping me company, my mother, Our Lady of Fátima, my godmother. I feel protected. I have a little star (*she smiles*). I never feel alone. My mother died very young, I think she is always with me, I am sure she is up there, her, my father...

They were both very special to you. Are there any important lessons that they left you for life?

Yes. We are three siblings. Our parents always told us that we should think carefully before we act. To think about if we are right, if we are being fair with people. It was always a very important thing in our home. Whatever we did, we had to be fair with whoever was with us. So, I try to be as fair as possible. I've had people who've worked with me leave to go and work in other studios, and if I come across good work done by them, I call them up and say «I went there, I very much liked the work», I wish the best of luck to the people who've worked with me. My parents taught us to be correct and that is one of the most important things. People should be fair in life, and with others.

How would you describe

your childhood?

My parents were teachers and we lived in a 'school house', in Funchal. The house was big, it was different, it had big gardens and we had a room with 40 children in the morning and 40 in the afternoon. I went to another school, I didn't go to this school [my brothers did, but I was very unruly (*she laughs*)].

Were you the most 'mischievous' as a girl?

Yes. My brother was a very good student, my sister was a very good student, and I was that student who would be passing notes.

Why did you misbehave, did you want to be different?

Because I wanted to create, I was always distracted. I was in my own world. At school we are 'forced' to learn things that have already happened and I wanted to do things that hadn't happened yet.

And they wouldn't let you, is that it?

No, so I always had to be one step ahead. Therefore, I only lasted two weeks at my mother's school and then I went to another school. But when I got home, I had all those children

E não a deixavam, é isso?

Não, então eu tinha de andar sempre um passo à frente. Por isso, na escola da minha mãe, fiquei apenas duas semanas e, depois, fui para o colégio. Mas quando chegava a casa tinha aquelas crianças todas para brincar. Brincávamos ao avião, saltávamos à corda. Sempre fui habituada a estar no meio de muitas pessoas.

Era uma família já de artistas.

A avó gostava de fazer poesia, o pai cantava, havia teatro... Havia estas coisas todas. Era um mundo de artistas dentro de casa. O meu tio António era crítico de arte e dizia-me: «Nini, vais ser artista»; o meu pai, antes de morrer, disse-me: «Nunca deixes de ser quem és». Ele foi professor, foi artista, cantava, mas era artista apenas nas horas vagas. Quando havia uma festa, se o meu pai fosse, era o artista da festa. Festa a que não fosse, não era festa.

E a relação com os irmãos foi sempre boa?

Somos os três diferentes e todos iguais. Temos a mesma base. A minha irmã Luísa era das letras, era a pessoa da cultura, e que se preocupava comigo, andou a vida inteira comigo. Quando ia para a Ásia, ela ficava na Madeira, mas sempre que precisasse, ligava e ela atendia o telefone nem que fosse às quatro da manhã. A Luísa deu-me muita força e ajudou-me a tornar-me na pessoa que sou hoje. E o meu irmão Ricardo também. É o presidente da Associação Garouta do Calhau. O Ricardo sempre ajudou todas as pessoas carenciadas. Aliás, nós os três fazíamos coisas para vender e ajudávamos em casa. Mas o Ricardo sempre protegeu muito as crianças e os idosos. Hoje, na Associação, já temos um centro de Alzheimer; seis centros de dia com 600 pessoas, o que para a Madeira é algo grande; e, agora, estão a fazer um centro de noite. Todo o trabalho extra que faço, ou palestras, é para ajudar a Garouta do Calhau e também outras associações noutros países onde fazemos hotéis.

Nunca deixará de ser a «garota do calhau»?

Quando eu era miúda e via os miúdos, os garotos do calhau, que eram os que andavam nas pedras nas praias, eu queria ser uma deles. Assim, andava todo o dia na rua. A minha mãe dizia-me: «Não, tu tens de apreender», mas eu queria era ir para a rua. E, se me portasse mal, ela dizia-me: «Pareces uma garota do calhau». Quando cresci, fiz a minha primeira exposição de flores, com as quatro estações. E um amigo meu disse-me que aquilo não tinha nada que ver comigo, que devia era dedicar-me a uma coisa só minha. Foi aí que surgiu a ideia de pintar calhaus e isso ajudou a intitular-me como a 'garota do calhau', que foi uma das coisas que eu sempre quis ser. Comecei a pintar calhaus

to play with. We played aeroplane, we skipped rope. I've always been used to being in the middle of lots of people.

Was a family of artists.

My grandmother liked to write poetry, my father sang, there was theatre, there were all these things. It was a world of artists in the house. My uncle António was an art critic, and used to say to me: «Nini is going to be an artist»; my father, before he died, told me «Never stop being who you are». He was a teacher, he was an artist, he sang, but he was an artist only in his spare time. When there was a party, if father went, he was the artist of the party. If my father didn't go to a party, it wasn't a party. He would sing.

And has your relationship with your siblings always been good?

The three of us are different, and all the same. We have the same base. My sister Luísa was in the arts, she was the person of culture, and she was the person who worried about me, has walked with me all my life. When I went to Asia, she stayed in Madeira, but whenever I needed her, I would call and she would answer the phone at four in the morning. Luísa has given me a great deal of strength and helped me to become the person I am today. And so did my brother Ricardo. He is the president of the Garouta do Calhau Association. Ricardo has always helped all those in need. In fact, the three of us made things to sell, and helped at home. But Ricardo has always protected children and the elderly. Today, in the association, we already have an Alzheimer's centre, we have six day centres, with 600 people, which for Madeira is a big thing, and now they're building a night centre. All the extra work I do, or lectures, is to help Garouta do Calhau and also other associations in other countries where we have hotels.

You will never stop being the garota do calhau, do you know that?

When I was a girl and I saw the kids, the pebble kids, the ones who walked on the rocks on the beaches, I wanted to be one of them. So, I would walk all day in the street. My mother told me «no, you have to learn», but I wanted to go out. And if I misbehaved, she would say «you look like a pebble girl». When I grew up, I had my first flower painting exhibition, with the four seasons. And a friend of mine told me that it had nothing to do with me, that I should dedicate myself to something of my own. That's when I came up with the idea of painting pebbles and that helped me to call myself the pebble girl, which was one of the things I always wanted to be. I started painting pebbles and later I gave the name to the Garouta do Calhau association [before, the association was called the Community

e, mais tarde, dei o nome à associação Garouta do Calhau (que antes se chamava Centro Comunitário e Desenvolvimento do Funchal). Aos 50 anos, o meu irmão ofereceu-me os estatutos de uma fundação, mas depois era tudo muito complicado, e eu disse-lhe que não precisava de uma fundação, porque eu só queria ajudar. Por isso, como já existia a associação do Funchal, apenas lhe dei o nome e fiquei feliz da vida.

Como seria a casa ideal para si?

Eu gosto da minha casa. Não é grande, mas tem um jardim e tem o Oceano Atlântico à frente. Quando acordo, abro a janela, só vejo o mar. Gosto de viver na minha casa. Se é o projeto de arquitetura ideal? Não, não é. Podia fazer um projeto muito mais bonito do que aquele, mas eu sinto-me muito feliz ali. O lugar ideal é onde nos sentimos felizes. Mas se arranjasse um terreno, assim em frente ao mar, aqui na Madeira (eu adoro as pessoas, adoro o mundo inteiro e todos os sítios a que já fui, mas eu pertenço aqui), pediria ao arquiteto Carvalho Araújo para me fazer a casa, com um só quarto, um *loft* todo aberto, *atelier* e cozinha. Gosto da minha casa, mas gostava de ter essa também.

Da Ilha da Madeira, conquistou o mundo. Esse foi sempre foi o seu sonho?

Queria muito. Tinha um amigo meu, o Horácio Roque, que me dizia sempre: «Nini, as oportunidades da vida vêm para todos, há uns que as agarram, e há outros que não». Fiquei sempre com essa frase. De facto, é preciso muito trabalho. Acho que só se consegue quando se passa para lá do cansaço, mas depois há pessoas que, quando estão cansadas, param. É preciso muita dedicação, seja em que profissão for. Há pessoas que foram muito mais felizes tendo filhos, tendo família; outros são mais felizes do que eu e não fizeram nada. Eu sou feliz fazendo.

O que tem de tão maravilhoso a Madeira?

Ainda há dias estava sentada no exterior da casa de uma amiga. Falávamos do tempo. Não havia uma nuvem, não havia mosquitos, nada. De facto, quando viajo para tantos países, que são fantásticos, há mosquitos, há muito calor, ou não se pode estar lá fora; a Madeira tem um clima espetacular, e nem sempre as pessoas dão valor. Adoro a Madeira. Sou a pessoa que vende melhor a Madeira.

Como lida com o medo de andar de avião?

Enfrentando. Uma pessoa vem ao mundo para fazer coisas, não posso ficar aqui parada só porque tenho medo. Mas tenho medo. Aliás, dos aviões toda a gente sabe que tenho, mas eu passo a vida nos aviões (risos). E acontecem coisas giras também. Numa viagem de regresso do Brasil, vinham três advogados juntos, dois à frente e um ao meu

and Development Centre of Funchal]. When I was 50 my brother offered me the articles of a foundation, but then it was all very complicated, and I told him that I didn't need a foundation because I just wanted to help. So, as the association in Funchal already existed, I just gave it a name, which became Garouta do Calhau, and I was thrilled.

How would be the ideal house for you?

I like my house. It's not big, but it has a garden and the Atlantic Ocean in front of it. When I wake up, I open the window, I only see the sea. I like living in my house. Is it the ideal architectural design? No, it is not. I could do a much more beautiful project than that, but I feel very happy there. The ideal place is where you feel happy. But if I were to get a piece of land, like this, in front of the sea, here in Madeira [I love the people, I love the whole world and all the places I've been, but I belong here], I'd ask the architect Carvalho Araújo to do my house, with one bedroom, a loft that's all open, studio and kitchen. I like my house, but I'd like to have that one too.

From the island of Madeira you went on to conquer the world. Was that always your dream?

I wanted it very much. A friend of mine, Horácio Roque, always told me: «Nini, life's opportunities come to everyone, some people seize them and others don't.» That phrase has always stayed with me. In fact, it takes a lot of work; I think you can only succeed when you manage to work your way through tiredness, but then there are people who, when they are tired, stop. It takes a lot of dedication, whatever profession you're in. There are people who have been much happier having children, having a family, others are happier than me, and they haven't done anything. I am happy doing things.

What is so wonderful about Madeira?

The other day I was sitting outside a friend's house. We talked about the weather. There wasn't a cloud in the sky, there were no mosquitoes, nothing. In fact, when I travel to so many countries, which are fantastic, there are mosquitoes, it's very hot, or you can't be outside. Madeira has a spectacular climate, and not always people even appreciate. I love Madeira. I am the person who sells Madeira best.

How do you deal with the fear of flying?

By facing it. One comes into the world to do things; I can't just stand here frozen, just because I'm afraid. But I am afraid. In fact, everyone knows that I'm afraid of flying, but I spend my life in planes (*she laughs*). And great things happen too. On a trip from Brazil, three lawyers were coming together, two at the front, and I was next to the other gentleman at the back, and he very politely turned to me

lado que, muito educadamente, se virou para mim e disse: «Já que vamos dormir juntos, vou-me apresentar» (risos). Achei tanta graça.

E escreveria um livro com esses acontecimentos?

Escreveria muita coisa. Tenho outra para contar. Um dia, no avião, ia sentado ao meu lado um senhor, que começou a falar, a falar, a falar... Ele ia para a Índia, eu também... Ele era indiano. Viajávamos em 1.ª classe. Passado um bocadinho, ele diz: «Se não comeres, dá-me a tua comida?». Eu pensei: «Em 1.ª classe e vai jantar a comida dos outros? Que estranho». Então, perguntei-lhe: «Porque é que faz isso?», ao que ele respondeu: «Quando chegares lá fora, vais perceber». Percebi que ele recolhia a comida para dar aos mais necessitados que estavam lá fora, à espera, no aeroporto. Maravilhoso.

E que título daríamos ao seu livro?

«Ela». Porque no *atelier*, quando estou a chegar, eles dizem: «Ela já chegou, ela vem aí». Já não sou a Nini Andrade Silva, sou «ela». Eu sei escrever, mas depois não sei escrever bem para um livro.

Mas isso era fácil de resolver...

Fazia consigo. Eu gostava. É isso, eu quero fazer um livro chamado «Ela» (risos). Temos de pensar nisso.

and said «since we're going to sleep together, I'll introduce myself (*she laughs*) ». I thought that was so funny.

And would you write about those incidents?

I would write. I would write a lot. I have another one to tell. One day, on a plane, a man was sitting next to me and he started talking, and talking; he was going to India, so was I... He was Indian. We were in first class. After a while he says «if you're not going to eat, can I have your food?» I thought «in first class and you go and dine on other people's food, how strange». I asked him, «Why are you doing that?» He said, «when you get outside, you will understand». I realised he was collecting all the food to give to the most needy, who were out there waiting, at the airport. Wonderful.

And what title would we give your book?

«Ela». Because in the studio, when I'm arriving, they say «she's already arrived, she's coming», I'm no longer Nini Andrade Silva, I'm «she». I know how to write, but then I don't know how to write it right for a book.

But that would be easy to solve.

I'd do it with you. I'd like to. That's it, I want to do a book called «She» (*she laughs*). We'll have to think about that.

